

Dez anos depois: o regresso de Clausewitz

Miguel Leal

(Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto)

LEAL, Miguel – *Dez anos depois: o regresso de Clausewitz*. In: Copyright – revista electrónica de pensamento, crítica e criação. Corunha. Nº 73, (maio) 1999. [Em linha]. Disponível em: <http://www.udc.es/dep/lx/cac/sopirrait/sr073.htm>.

Há uns dias tive, finalmente, a oportunidade de ver o filme *Gato preto, gato branco* de Emir Kusturica, e não pude deixar de ficar encantado com a liberdade extrema daquelas vidas de ficção. Cada uma das personagens parecia ter encontrado ali, e isto apesar da violência caótica que as envolvia, uma espécie de deslocalização da existência que lhes conferia um estatuto não apenas de liberdade, mas libertário. Neste momento em que sobre os Balcãs, e por arrastamento também sobre o resto da Europa, se abate uma chuva de fogo imparável não resisti à evocação (que não é apenas metafórica!) da ficção balcânica de Kusturica para construir uma espécie de antítese prévia ao desenvolvimento deste texto.

É que aqueles ciganos, que se movem numa narrativa onde o burlesco acaba por solucionar os problemas mais complexos e violentos, acabam por materializar, por mais contraditório que isso possa parecer, um corpo de resistência à acidez da vida; ao mesmo tempo que o seu nomadismo potencial e a sua despreocupação absoluta os colocam num posicionamento ambíguo, distante do maniqueísmo que o título do filme poderia fazer crer. É então na sua postura heterodoxa e na respetiva liberdade individual que reside grande parte da aura de cada um daqueles seres.

Depois destas semanas de guerra em que as imagens e todo o fluxo de informação se foram construindo com base numa antinomia entre o bem e o mal (basta para isso consultar as sugestões de ligações várias na *WEB* que fazemos nestas páginas), encontrei no filme de Kusturica a oportunidade de centrar a minha atenção na vida (ir)real daquelas pessoas. Repentinamente surgiu um espaço intersticial capaz de despoletar uma reconstrução do meu olhar sobre os Balcãs, apesar de tudo definitivamente arrasado pelo efeito devastador de uma guerra que não começou apenas há um mês. Pude então identificar-me com alguém, com o outro que neste contexto de guerra apenas pode ser diabolizado ou então erigido em mártir, e que nos entra inapelavelmente em casa, mantendo-se contudo perfeitamente inumano e restringido ao aparecimento fugaz nos raios catódicos do ecrã televisivo,

relegado para o mero papel de instrumento da informação e da contra-informação que, lembre-se, têm um lugar decisivo para o resultado da guerra moderna (como a recente destruição dos estúdios da televisão estatal Sérvia vem confirmar).

Neste contexto, aquelas molas humanas em trânsito que se encontram, ao contrário do que nos querem fazer crer, sob um fogo cruzado, vão perdendo ao longo das horas ininterruptas de exposição mediática o seu corpo, a sua existência real. E a cada comunicado de imprensa com números e estatísticas relativos às ações empreendidas pela NATO, a indiferenciação entre o número de vítimas, o número de refugiados, a produtividade dos bombardeamentos ou os custos envolvidos na operação vai-se tornando mais evidente. E é essa indiferenciação que ajuda a eliminar os verdadeiros efeitos, aqueles que agem diretamente sobre seres humanos, da prática bélica. Tudo o resto, mesmo a hipócrita conversão humanitária de meio mundo, pertence apenas ao domínio da pura estratégia militar (e das suas imbricações em todos os domínios da atividade humana).

Foi assim que aquelas personagens perfeitamente loucas do filme de Kusturica se tornaram para mim mais palpáveis do que a própria realidade. Mas o título deste texto remetia para um problema diferente: o de indagar do possível reaparecimento das teorias de Clausewitz nesta "nova ordem" mundial. Já antes tinha escrito qualquer coisa sobre isto para um fórum de discussão, e parece-me fundamental reforçar o nosso posicionamento crítico sobre estas questões, especialmente porque julgo ser de um duplo equívoco que surge o erro particular desta estúpida guerra.

Contudo, e antes de avançar, gostaria de lembrar que a própria utilização do termo regresso - ou reaparecimento, tanto faz - também aponta para um premeditado erro de enquadramento: não designa o meu sentimento particular relativamente a esse eventual "renascimento", mas antes pretende aclarar o quanto o fluxo informacional contribuiu para o apagamento - em poucos anos, diga-se - da nossa visão alargada do mundo. É que as teorias sobre o fim da história tão propaladas desde a queda do muro de Berlim, pressupunham que determinados conceitos político-estratégico-militares estariam desde já definitivamente enterrados e, pouco a pouco, esse sentimento foi-se enraizando na opinião pública ocidental (ou ocidentalizada).

A título de exemplo, parece-me importante recuperar um artigo de Francis Fukuyama, de 1989¹, que apontava exatamente esse caminho ao propor uma polémica e desajeitada tese sobre o pretense fim da história [mais

¹ FUKUYAMA, Francis, "O fim da história?", in *Risco*, n.13, Lisboa, Primavera de 1990, pp.23-43 (orig. publ. in *The National Interest*, 1989).

extensamente desenvolvida no seu livro *The End of History and the Last Man* (1991)] numa crença de que se teria atingido o "ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como forma final de governo" (a evolução ideológica da humanidade teria ficado completa com as revoluções francesa e americana - seguindo Hegel e Kojève). Fukuyama também afirmava que isso não quereria dizer que não se assistiria a mais acontecimentos dignos de nota, mas apenas que seria esse ideal que governaria o mundo a longo prazo. O sistema dito liberal que dominaria a maior parte das sociedades ocidentais era-nos então apresentado como quase perfeito na sua totalidade - onde "todas as contradições anteriores são resolvidas e todas as necessidades humanas são satisfeitas" - surgindo as desigualdades económicas não como causa desse sistema, mas com as características culturais dos grupos que constituem a sociedade.

De seguida, Fukuyama dedicava-se a exemplificar a sua tese, desmontando cada um dos desafios a este liberalismo dominador, começando pelo Fascismo (que considerava enterrado), e passando pelo comunismo (China, União Soviética), pela religião e pelo nacionalismo concluía que todos eles estariam moribundos, mortos ou que não constituiriam ameaça séria a essa hegemonia. No caso do fundamentalismo religioso ou dos nacionalismos será fácil compreender a dimensão do logro, apesar de F. quase limitar o primeiro a um conjunto de fenómenos isolados (fundamentalismo islâmico) e os segundos a um conjunto de desejos negativos sem programa político. Com uma candura assustadora mostrava acreditar na "maldade" do sistema imperialista das potências ocidentais até à Segunda Guerra (ou da U.S.S.R. até aos anos 80), em oposição a uma "bondade" de intenções hoje maioritariamente expressa. Como se o dito imperialismo não pudesse tomar diversas formas, algo que o próprio F. se encarrega, sem querer, de demonstrar: "para a parte do mundo recém-chegada ao 'fim da história', a vida internacional é muito mais uma questão económica que política ou estratégica", esquecendo a impossibilidade de separar estes três campos. Procurava depois provar o absurdo, ou seja, imaginar que a história possa ter ficado congelada, quando para rebater essa ideia basta convocar a situação atual na ex-Jugoslávia. Finalmente, reafirmava a incompletude do sistema, razão pela qual seria possível assistirmos ainda a conflitos ilumináveis, mas apesar de tudo secundários, porque os outros, envolvendo os principais atores, teriam abandonado a cena (!).

Não resisti a este olhar retrospectivo sobre uma intelectualização do absurdo, pois sem mais cada um dos seus argumentos (com a exceção do percurso triunfal - mas não perfeito! - do capitalismo, que é um facto) é rebatível com um simples olhar sobre aquilo que se tem passado desde então em certas zonas de globo e que esta guerra na Europa só vem confirmar.

Esclarecido o primeiro ponto, e que respeita ao tom irónico que coloco ao sugerir a ideia de um reaparecimento - pois para reaparecer é primeiro

necessário sair de campo - passarei então ao duplo equívoco que contempla o "ressurgir" das teorias de Clausewitz.

Em primeiro lugar, parece-me que o aturado estudo de Clausewitz nas academias militares, nos centros de estudos geo-estratégicos "civis" e no meio académico e empresarial vai dando ciclicamente os seus frutos. A velha máxima que legaliza o terrorismo de Estado e que mandata assassinos profissionais para a prática da guerra mantém-se hoje mais válida do que nunca: "a guerra é uma mera continuação, por outros meios, da política"². E é aqui que surge o primeiro erro, julgar-se que a guerra possa ser uma "mera" continuação da política, pensar-se que a um instrumento se sucede o outro.

É claro que esta "nova ordem" afirma que não se revê nessa máxima, que o seu trabalho é apenas guiado para a resolução de casos específicos e que respeitam à afirmação de "valores humanos universais", mas enquanto repetem isto até à exaustão aquilo que a prática dita é uma aplicação literal dos manuais teóricos nascidos com o estado moderno [sendo Clausewitz aqui apenas o bode expiatório, proponho uma pequena leitura do manual *on-line WAR IN THEORY* para uma melhor referência ao lado abjeto da teoria militar, porque mais assustador do que a violência é o quererem dar-lhe um rosto e um sustentáculo mais ou menos conceptual].

O segundo equívoco resulta da crença na possibilidade do controlo absoluto do exercício bélico, pois aquilo que os responsáveis parecem esquecer (neste caso da NATO) é que a guerra é uma espécie de um mutante que depois de deixado à solta se reproduz a seu bel-prazer (com a ajuda preciosa das chefias militares no terreno e dos políticos-por-uma-vez-generais nos gabinetes). Já Napoleão Bonaparte afirmava que "a teoria não é a prática da guerra"³, e qualquer ideia que possa pressupor um plano organizado para essa prática é pura ilusão (como a NATO bem experimentou com o êxodo maciço dos habitantes do Kosovo). Também por isso parece absolutamente contraditório o facto de se pretender que a guerra seja uma continuação da política. A guerra tem as suas leis próprias e depois de despoletada acaba por comandar a política, sendo quase possível inverter a fórmula: a política é apenas a continuação da guerra por outros meios. E como que a provar que há uma certa tresleitura de Clausewitz, o próprio fez questão de afirmar que a guerra é um jogo onde o matemático e o absoluto não encontram um lugar cativo⁴, ou ainda que "a guerra é o campo da incerteza"⁵.

² CLAUSEWITZ, Carl von, *Da guerra*, Lisboa, Edições Europa-América, s/data, p. 46.

³ BONAPARTE, Napoleão, *Como fazer a guerra*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976, p. 15.

⁴ Cf. CLAUSEWITZ, Carl von, *idem*, pp. 43-44.

⁵ *Ibid.*, p. 64.

A situação despoletada pelos ataques da NATO à Sérvia é bem um espelho desta situação. Depois de iniciada a operação é já uma questão puramente militar que está em causa (demonstrar a superioridade militar e tecnológica da NATO) e não uma mera continuação dos desejos políticos dos seus membros, pois se analisarmos friamente, em termos puramente políticos, qualquer estado membro da NATO poderia dar-se por feliz ao encontrar uma boa desculpa para sair desta espiral. O problema foi criado pela ação militar - isto sem pôr em causa as barbaridades cometidas no Kosovo por ambas as partes - e agora, segundo os militares e estrategos, só poderá ser "resolvido" militarmente. E a "guerra são os meios"⁶ e não os discursos que a rodeiam. É pois a lógica castreja e viril que domina neste momento os acontecimentos. E quando assim é...

Ao contrário de tudo isto, *Gato preto, gato branco* termina com um *Happy End* especular, dando um sentido ao efeito circular que um dos personagens procura na repetição constante da frase lançada por Bogart nos últimos momentos de Casablanca: «Louis, I think this is the beginning of a beautiful friendship».

P.S.: O novo Conceito Estratégico da NATO, resultante da cimeira do seu 50º aniversário só vem confirmar parte do que acabei de escrever, pois torna a Aliança, sem rodeios, num puro braço armado das políticas dos seus (alguns) Estados membros. Gostaria de afirmar a mera coincidência entre o retrato que tracei e a realidade, mas os acontecimentos encarregar-se-iam de me desmentir de imediato.

Porto, 25 de abril de 1999

⁶ *Ibid.*, p. 46.